

COTIDIANO NACIONAL: UMA PRODUÇÃO EM POÉTICAS VISUAIS CONTEMPORÂNEAS E A CONSTRUÇÃO DE POSSÍVEIS IDENTIDADES

JESSICA FERNANDES DA PORCIUNCULA¹; RENATA REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – jessporc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta reflexão, aprovada como proposta de doutoramento, é uma continuidade e aprofundamento de minha dissertação de mestrado, na qual realizei uma investigação poética, crítica e simbólica acerca da identidade nacional nas artes visuais contemporâneas” realizada em 2023 na Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Prof. Dr^a. Renata Azevedo Requião. Uma investigação poético-processual acerca das possibilidades identitárias simbólico-visuais, em torno de uma identidade regional e nacional, a qual, a partir do corpo, da natureza, de diferentes símbolos populares, poderia tratar de outras expressões críticas. Diante disso, algumas perguntas: como nas visuais contemporâneas, diferentes articulações entre o cotidiano e simbologias pré-estabelecidas podem proporcionar construções outras que sejam de reconhecimento e de identificação, na contemporaneidade? No âmbito de uma identidade nacional, é possível que haja algum fator cotidiano comum a toda nação, que proporcione uma identificação coletiva e singular? Há, simbólica e afetivamente, um conceito de nação que ainda se justifique? Se sim, qual? Ainda são os “símbolos pátrios”, como a bandeira e o hino? É possível afirmar que cada indivíduo, a partir de seu cotidiano, desenvolve sua ideia de identidade mais ou menos vinculada à nacionalidade, um tanto flutuante e permeável, e suscetível ao amanhã? Existe alguma noção de identidade que não seja flutuante, permeável e suscetível ao amanhã? Há cotidianos comuns a toda humanidade? O que compõe o cotidiano que pode me interessar, artista visual que sou, como materialidade para minha poética? A partir disso tudo, como desenvolver uma produção de obras de arte contemporâneas que articulem não somente esses conceitos, mas também linguagens, processos e suportes, que me interessem e que sejam capazes de dar conta de tudo isso?

2. METODOLOGIA

Ao final da pesquisa de mestrado me deparo com questões da produção que sigo desenvolvendo no doutorado, entendendo aqui uma metodologia em continuidade. Compondo quase sempre, a partir da apropriação de objetos cotidianos e articulando-os à simbologias nacionais, como as cores verde e amarela, a bandeira e o hino nacional.

Com isso, a fim de analisar tais percepções na pesquisa, tanto poéticas quanto de linguagem, proponho uma produção prática de um conjunto de obras em escultura, performance, foto e/ou videoperformance. Nas quais desenvolvo nesta produção tridimensional, um estudo do conceito “objeto-bandeira”, estabelecido quando uma obra tridimensional é composta a partir da articulação

entre um (ou mais) objetos cotidianos e uma bandeira de referência, a fim de proporcionar um terceiro símbolo. Já na produção em performance e em suas vertentes visuais, me proponho a olhar para o corpo e seus comportamentos cotidianos. Numa espécie de auto-vigilância corporal e suas relações com o espaço, destacando vestimentas e objetos ao redor. São dois olhares que se integram, nem o corpo nem os objetos se absterem um do outro.

Algumas imagens de objetos, como os copos popularmente conhecidos como *copos de boteco* (Fig. 1), ou como o popularizado brasão do RS, também presente em oficinas e em pequenos comércios. Desses objetos aproximados posso pensar na tragédia pela qual o Estado passou, excesso e a falta de água potável, a lama, a perda de vidas e de bens materiais, a mudança abrupta e cruel de milhares de cotidianos. Outro exemplo é a nova chave da sala, onde leciono (Figs. 2 e 3), no laboratório de fotografia. Nitidamente faz referência à bandeira nacional. A chave é um objeto que provoca gestos, abrir e fechar, dois gestos curtos, sutis, do tamanho das mãos. O cabo de vassoura com estrelinhas (Figs. 4 e 5), que me lembram as estrelas da bandeira do Brasil, mas também a estrela como um símbolo presente em diversas bandeiras e diversas culturas outras. Além disso, me interessa os itens de limpeza, do contraste entre o doméstico e a domesticação, que provoca um gesto cotidiano, um ato no espaço, tem aqui uma potência tanto tridimensional quanto performática.



Figura 1: Copos de vidro com brasão do Rio Grande do Sul.
Fonte: Acervo Pessoal



Figuras 2 e 3: Chave de porta. Fonte: Acervo Pessoal



Figuras 4 e 5: Vassoura de estrelas. Fonte: Acervo Pessoal

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Proponho uma pesquisa em torno da premissa de que um indivíduo consegue identificar em seu cotidiano todos os componentes (corpo, espaço e cultura) que constituem e influenciam em suas diversas construções de identidade (pessoais e coletivas). E com isso realizar e analisar um conjunto de obras que partem do meu cotidiano e minhas identidades, apontando percepções poéticas e críticas de minha experiência pessoal e coletiva no mundo. A fim de também discutir e tensionar as especificidades das linguagens com que trabalho, buscando contribuir para a área de conhecimento.

A fim de pensar os conceitos de identidade, o filósofo contemporâneo Asad Haider, americano filho de imigrantes paquistaneses, no livro “Armadilha da Identidade: Raça e classe nos dias de hoje” de 2019, fala sobre a distinção entre identidade e política de identidade ou identitária, propondo que exista uma armadilha em como a identidade por vezes é confundida com uma ideologia. Em paralelo referencio a publicação do MASP de 2023 “Histórias Brasileiras: Antologia” que reúne 120 textos escritos por diversos autores — desde cartas, manifestos, reportagens, discursos, escritos de artistas, textos expositivos, poesias, letras de músicas e outras formas de escrita. Começando com a carta de Pero Vaz de Caminha de 1500, indo até textos recentes de 2021, que discutem assuntos da atualidade como o bolsonarismo, a crise climática, as lutas dos povos indígenas, o agronegócio e outros. Querendo olhar para uma identidade regional, me interessei pelo livro da poeta gaúcha de Arroio Grande, Marília Floôr Kosby, intitulado “Mugido, ou diários de uma doula” de 2017, onde a autora se debruça sobre uma série de percepções sobre a imagem da mulher e da vaca na cultura popular do rio grande do sul. No texto “O que é crítica?” do livro “Crítica e Verdade” de 1966, de Roland Barthes, o autor propõe que a crítica é uma forma de linguagem, por vezes metalinguagem, sendo ao mesmo tempo contraditória e autêntica, objetiva e subjetiva, histórica e existencial e nas palavras dele “a construção da inteligência de nosso tempo” (BARTHES, 1996).

4. CONCLUSÕES

Para concluir, aponto os pontos relevantes em minha pesquisa para a área de conhecimento, como seu caráter de testemunho histórico-contemporâneo, a

partir do momento em que essa produção e percepções perpassam um olhar para os acontecimentos atuais, para mim é importante perceber isso como uma potência para leituras de nossa atualidade num tempo futuro. Uma investigação acerca da identidade na contemporaneidade, tendo em vista que este é um assunto de extrema importância para a uma experiência funcional em diversas camadas das relações individuais e coletivas, que por vezes perpassa lugares e conceitos tão frágeis quanto resistentes na sociedade. Parece ser um assunto que nunca cessará sua necessidade de pesquisa, sempre se colocando urgente, volátil e autêntico.

Além disso, a proposta de outros conceitos acerca das linguagens da área de conhecimento, como o “objeto-bandeira”, que propõe uma ideia específica de tridimensionalidade, advinda de um processo que identifico em minhas produções artísticas, e que também reconheço em obras de outros artistas, reafirmando a particularidade de tal processo e suas características poéticas, estéticas e formais. Assim como a reafirmação da crítica como linguagem, entendendo a importância de tal percepção para a área da arte contemporânea, propondo perceber na prática da crítica as suas técnicas e visualidades. E com isso, desenvolver um pensamento em torno das artes visuais, a partir da abordagem das poéticas visuais, permitindo uma leitura crítica do mundo e das possíveis identidades que se pode construir cotidianamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013

HAIDER, A. **Armadilha da identidade: Raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

MELENDI, Maria Angélica. **Estratégias da arte em uma era de catástrofes**. 1ª ed. Rio de Janeiro : Cobogó, 2017.

PORCIUNCULA, J. P. **Nasce a última que morre: uma investigação poética, crítica e simbólica acerca da identidade nacional nas artes visuais contemporâneas**, 2023. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

REQUIÃO, R. A. **Estesias**. 2002. Tese (Doutorado em Literatura) Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2002.

MASP, M.A.S.P.A.C: **Histórias Brasileiras, vol.2: antologia**. Organização editorial Adriano Pedrosa, André Mesquita, Lília Moritz Schwarcz, Sandra Benites. São Paulo: MASP, 2023.

KOSBY, M. F. **Mugido: ou diários de uma doula**. Rio de Janeiro: edições Garupa, 2017.